

TEMATIZANDO LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

EMEF Prof. Roberto Plínio Colacioppo

Natalia Gonçalves

Este relato narra a trajetória de um trabalho que durou 4 meses e foi realizado em uma escola que está localizada na Zona Sul de São Paulo, próximo ao Jardim Zoológico e ao Zoo Safári, no bairro Jardim Celeste.

O público desta escola consiste em alunos que moram em uma área praticamente rural cercada pela mata atlântica e por isso tem oportunidade de brincar em terrenos e nas ruas e alunos que residem em apartamentos que se situam no entorno da escola, que não brincam menos, porém, suas brincadeiras são outras. Próximo a escola, existem locais onde tanto os alunos moradores dos prédios, quanto os moradores da região “rural” se reúnem para realizar algumas práticas corporais. Esses locais são organizados por ONGs (que oferecem cursos gratuitos) ou pela Prefeitura. Há também a igreja localizada ao lado da escola, que inclusive utiliza o próprio espaço da escola para organizar eventos e encontros aos finais de semana e academias pagas.

Ao retornar do recesso de julho de 2009 o desafio era selecionar a próxima manifestação corporal a ser tematizada com os alunos de três turmas do 4º ano do Ensino Fundamental I durante as aulas de Educação Física neste período letivo. No semestre anterior as brincadeiras foram tematizadas através de um projeto que integrou alunos do ciclo I e do ciclo II.

Optei por iniciar o processo de mapeamento das praticas corporais fixando uma folha de papel pardo na lousa e questionando os alunos a respeito de todos os locais que eles conheciam nos arredores da escola nos quais se praticavam algum esporte, dança ou luta. Surgiram muitos locais como o próprio quintal de suas casas, academias de nataçãõ, de lutas e ginástica; Jardim Botânico onde se pratica caminhada e corrida; no Zoológico de São Paulo citaram o passeio noturno (muito caro e nenhum deles fez até hoje), Parque do Ibirapuera (eles tem fácil acesso, pois existe um ônibus que os leva até lá, gratuitamente, aos finais de semana). Por este motivo, mesmo não se localizando nos arredores da escola, como propus inicialmente, considerei relevante, pois foi citado que eles andam de bicicleta, skate, patins, patinete, caminham e jogam futebol; no Centro Cultural próximo a escola onde são oferecidas gratuitamente aulas de judô, capoeira, balé e boxe; foi citada a balada que ocorre na escola em alguns sábados do ano, no período da tarde, onde eles dançam alguns ritmos como Psy, Funk, Axé e Pagode; Festa Junina da escola citando a quadrilha, e completaram o trabalho acrescentado duas quadras, dois parquinhos e uma pista de skate que não são muito utilizados nos arredores da escola.

Com a resposta dos alunos organizamos uma lista das atividades que eles praticam ou gostariam de praticar fora da escola, além das danças, brincadeiras e outras manifestações corporais.

As lutas foram citadas diversas vezes e percebi um interesse muito grande por parte dos alunos além de identificar que essa manifestação faz parte, de alguma forma, do cotidiano daquelas crianças, assim defini a temática a ser estudada naquele semestre. Uma das turmas “*pegou fogo*” quando informei que “lutas” seria a manifestação corporal a ser estudada. Um dos motivos que me motivou a definir esta manifestação foi o fato de que esses alunos ainda não haviam tido acesso a ela nos períodos letivos anteriores, o outro foi o fato já citado de que essa manifestação é muito praticada nesse bairro em cursos oferecidos por ONGs, por alguns pais de alunos que são mestres de capoeira, e em eventos organizados pela igreja onde alguns alunos tem oportunidade de participar.

Todos queriam falar e citar os seus conhecimentos sobre o assunto: Filmes do Bruce Lee, desenhos animados, academias e ONGs do bairro.

Neste momento propus que, de forma coletiva, os alunos completassem a frase: “Luta é...” Para organizar esta ação fixei outra folha de papel pardo na lousa e convidei os alunos a participarem desta atividade.

Os alunos foram à lousa e preencheram todo o papel com entusiasmo. Foram completando a frase e construindo uma enorme lista com os mais variados adjetivos: “fazer pagar pelo que fez, defesa pessoal, descontar raiva, provocação, violência, agressividade, muito louco, perigosa, legal, divertida, dolorida, desestressante, selvagem, batalha, morte, sangue, briga, UTI, estranha, raiva, Bruce Lee, inimigos, masculina, esporte”. Lembro que o objetivo desta atividade era o de mapear os conceitos dos alunos a respeito da manifestação, e que não levei em consideração o juízo de valores que estava sendo colocado pelos alunos ao citar alguns adjetivos.

Com o objetivo de fazer com que os alunos sejam capazes de identificar e discutir, buscando modificar as ações preconceituosas referentes a questões de gênero, idade e biotipo presentes nas lutas, levantei alguns questionamentos com as turmas a respeito de colocações como, por exemplo, no que diz respeito ao gênero “masculina” da manifestação e que, no momento em que foi citada, causou muita indignação pois as meninas também se sentem capazes, produtoras e praticantes desta manifestação e não possuem este “olhar” exclusivamente masculino para esta manifestação corporal.

Neste momento algumas alunas posicionaram-se dizendo que nos desenhos animados existem meninas que lutam: Meninas Superpoderosas, Três espãs demais. Os meninos, a princípio, fizeram algumas colocações em tom de deboche, porém, ao aprofundarmos nas questões, percebi que foram concordando, aos poucos com os argumentos das colegas quando utilizaram os desenhos como exemplo.

Um dos garotos afirmou que na academia onde treina existem muitas mulheres, porém, só lutam entre si, aqui coube uma explicação sobre as categorias utilizadas em algumas modalidades de lutas e solicitei que realizassem uma pesquisa na sala de informática sobre o assunto para posterior apresentação em forma de roda de conversa. O resultado desta pesquisa, apresentado posteriormente, foi a conclusão que os alunos chegaram de que o fato de as mulheres lutarem apenas entre elas diz respeito a um preconceito por parte dos organizadores, pois, afirmaram eles, algumas mulheres são até mais fortes que os homens e citaram algumas colegas que batem muito em alguns meninos.

A partir deste ponto, propus que os alunos citassem exemplos de lutas, me orientando por uma das expectativas de aprendizagem que afirma que o processo deverá levar o aluno a identificar, demonstrar e explicar as modalidades de luta presentes na comunidade. As repostas foram: Boxe, Kung Fu, Capoeira, Vale tudo, Judô, Sumo, Jiu Jitsu, Karatê, Luta livre, Cabo de Guerra, Queda de braço ou Braço de Ferro, Briga de Galo, Briga de rua, Briga de dedos, POKÉMON e Digimon.

Selecionei como um dos objetivos deste trabalho levar os alunos a refletirem e aprofundarem seus conhecimentos sobre as lutas, além de levá-los a identificar e manter uma postura crítica em relação às várias formas de divulgação das lutas na mídia, neste caso, nos desenhos animados.

Na aula seguinte iniciamos os momentos de vivências de algumas lutas já citadas: cabo de guerra, queda de braço, luta de dedos e sumo. Durante a realização das atividades realizava intervenções com o objetivo de ampliar os conhecimentos dos alunos. Questionei a respeito das regras dessas atividades e assim, fomos construindo nossas próprias práticas, adaptadas daquele local e aquele público.

Iniciamos com o cabo de guerra, os alunos se dividiram em dois grupos e ao iniciarem a atividade perceberam que um lado estava mais forte que o outro. Assim, decidiram dividir as equipes em participantes que tivessem aproximadamente o mesmo peso. Surgiram algumas regras como não iniciar antes do sinal, não dar “trancos” e não avançar além de uma marca na corda. Neste momento descobriram que se não houver regras esta luta poderia não dar certo pois sempre a mesma equipe iria ganhar ou poderia haver risco de acidentes causados por esses trancos.

A próxima atividade seria a queda de braço, novamente propicie ações pedagógicas de elaboração coletiva das regras, ficou decidido que os oponentes não poderiam apoiar na mesa o braço oposto ao utilizado no combate, além de equipararem os alunos considerados com um nível aproximado de força. Iniciamos novamente reflexões a respeito das categorias utilizadas nas lutas esportiva. Expliquei que em algumas modalidades o peso do atleta define em qual categoria ele poderá

competir. Houve também uma explicação por parte de um aluno que lembrou o regime rigoroso que alguns lutadores realizam antes da competição para não enfrentar um atleta de uma categoria superior.

A luta de dedos, que para minha surpresa já que não a conhecia, foi apresentada pelos alunos e consiste em dois oponentes que entrelaçam os dedos e tentam dominar o polegar do outro, imobilizando-o. Ao realizar uma pesquisa na sala de informática sobre essa modalidade, descobrimos que já estão a venda alguns acessórios próprios para a prática dessa modalidade como “máscaras” para os dedos, ringues e até espaços onde se praticam essa luta, ou seja, já há materiais comercializados para esta manifestação. Os alunos observaram com certa estranheza esse fato afirmando que não há necessidade desses apetrechos para que essa luta seja divertida ou mais eficiente.

A partir da prática do Sumo, onde dois alunos se confrontam utilizando as mãos nos ombros do oponente para retirá-lo de um círculo previamente pintado no chão, foram surgindo durante a aula alguns exercícios de desequilíbrio propostos pelos alunos e por mim como o confronto em quatro apoios, no qual um colega tenta desestabilizar o outro retirando um dos apoios do chão, desestabilização do oponente em pé retirando uma das pernas do chão, briga do saci em apenas um apoio de pernas. A partir dessas atividades começaram criar e testar novos movimentos e situações com o mesmo propósito.

Ao final destas atividades, realizamos uma roda de conversa, fui conduzindo os alunos a refletirem sobre as situações que haviam vivenciado a partir de perguntas que fomentavam discussões.

Um dos questionamentos foi a respeito da diferença de peso e altura entre os oponentes, a questão do gênero também foi citada e eles pontuaram que não se sentiram bem lutando com o sexo oposto, tanto as meninas quanto os meninos sendo que os meninos diziam que tinham medo de machucar as meninas e as meninas, por sua vez, diziam que não queriam ser tocadas pelos meninos alegando que estes eram brutos ou maliciosos. Um aluno que pratica judô explicou como funciona a divisão de categorias e que esta é feita por peso e gênero. Afirmou que existe uma tabela disponível em alguns sítios específicos da internet. Um outro aluno disse que já havia visto na televisão que no boxe os atletas também eram divididos pelo peso e pelo gênero, e assim, os alunos inferiram que essas regras foram criadas para que as lutas sejam mais “justas”.

Após esta atividade, com o objetivo de ampliar os conhecimentos dos alunos em relação aos golpes, preparei algumas fichas com figuras de pessoas lutando as varias modalidades de luta como judô, sumô, caratê, Kung Fu e Capoeira para que eles, divididos em duplas, realizassem a imitação do gesto impresso na ficha. A imitação do golpe deveria se dar em posição estática, assim como nas fichas. Algumas figuras continham movimentos individuais, outras em dupla e até mesmo

uma sequência de movimentos. Durante esta atividade os alunos foram fotografados em suas posições. Elaborei, posteriormente, um painel expondo fotos e as fichas para análise dos movimentos.

A próxima atividade consistiu em “dar vida” ao movimento a partir da posição estática, realizando o golpe como eles imaginavam que poderia ser.

Durante os ensaios dos grupos, observei que os alunos extrapolaram o que eu havia solicitado, o que é habitual, criando movimentos a partir das figuras. Sendo assim orientei para que criassem em duplas, movimentos de ataque e defesa, de qualquer natureza, da forma que quisessem. A finalização da aula se deu com uma roda na qual os alunos apresentaram seus movimentos para o grupo.

Nas apresentações dos alunos pude notar que eles reproduziam movimentos diferentes daqueles golpes que estavam ilustrados nas fichas ou até movimentos usuais em lutas esportivas. Era mais uma mistura desses golpes com um “toque” deles, a interpretação dos alunos, utilizando inclusive, armas “imaginárias” com efeitos sonoros.

Ao serem questionados sobre a origem desses golpes e armas eles citaram alguns desenhos animados, filmes e games, lembrando que esses desenhos já haviam sido citados anteriormente e que esses alunos, em especial, faziam uma relação muito grande entre os desenhos e as lutas. Tentei identificar qual era a maior influência para eles propondo uma atividade na qual eles deveriam escolher um desenho, filme ou game para imitar uma luta. Ao apresentar os trabalhos identifiquei que o desenho que exerce uma forte influência nessas crianças é o desenho “Três espãs demais”. Questionei se esse desenho era assistido por todos e eles responderam com muita empolgação que sim, tanto pelos meninos quanto pelas meninas. Pedi para os alunos que me explicassem com detalhes como era esse desenho. Os alunos explicaram que neste desenho há tres garotas (agentes secretas) que lutam para salvar o mundo, e principalmente os shoppings. São “controladas” por um homem e suas armas são relacionadas aos itens de embelezamento pessoal: secadores de cabelo, batons, mochilas a jato (usadas como transporte) e sprays de cabelo, além de agentes secretas são estudantes.

Com objetivo de ampliar a discussão a respeito do consumo excessivo fiz uma relação entre o desenho e a vida real, a surpresa ficou por conta da fala de uma das alunas que prontamente disse que esse tipo de consumo é prejudicial e que o desenho incentivava muito as garotas a “*terem o que não podem*”, pois na história elas possuem um cartão de crédito que aparentemente não tem limite de compra e que as meninas do nível social dessas alunas não têm.

Com o objetivo de aprofundar o debate a cerca das relações de poder, questionei a respeito do “poder” de quem tem dinheiro na nossa cultura. Algumas crianças afirmaram que quem tem

dinheiro “*tem sim*” maior poder, e que o ideal era lutar para ter também, ao passo em que outras disseram que isso não tinha importância.

A partir desse debate de ideias expliquei que tudo o que eles assistem tem o objetivo de passar alguma mensagem, assim, eles puderam refletir a respeito dessas mensagens e se colocaram: “*o objetivo desses desenhos é fazer com que a gente seja vaidosa, fazer a gente ir para o shopping, mostrar que devemos defender as pessoas mais fracas...*”. Ampliei o debate lembrando que algumas vezes há um interesse por parte da mídia em fazer valer alguns valores como o do consumismo de alguma marca ou de determinado produto e que isso interfere diretamente no modo como nos vestimos, comemos ou até como vemos o mundo. A partir dessas ideias postas, fizemos uma relação com o projeto de sustentabilidade que faz parte do Projeto Pedagógico da escola e que foi desenvolvido com os alunos, que visa, dentre outras coisas, a redução do consumo em excesso.

Fazendo uma relação com as lutas praticadas em forma de esporte com o objetivo de levá-los a refletir a respeito dos pontos em comum com as praticadas nos desenhos, questionei sobre o que havia em comum entre as duas manifestações e fui registrando na lousa, as respostas foram: “*em ambas se usa um tipo de roupa próprio para a prática, em ambas se utilizam armas, alguns movimentos e faixas e cores de roupa diferentes para indicar os mais habilidosos*”.

Aproveitei aquelas falas para explicar que isso acontece também conosco: o que usamos diz muito sobre quem somos, a qual grupo social pertencemos, quais são nossos valores. Citei alguns exemplos para ilustrar essa afirmativa, como a do uso de algumas roupas em ocasiões distintas como festas, as músicas que ouvimos, os nossos ídolos, os programas que assistimos, enfim, a “tribo” a qual pertencemos. Essa atividade tentou caminhar na direção de contemplar a proposta da expectativa de aprendizagem que orienta para que desenvolvamos atividades que levem os alunos a relatar de forma oral ou escrita a existência de características que diferenciam as lutas (equilíbrio, imobilização, vestuário, etc) vivenciadas nas aulas.

Continuando com a reflexão, instiguei os alunos a respeito dos objetivos das pessoas que lutam nos desenhos animados e as respostas foram: “*salvar o mundo, salvar o shopping, salvar uma pessoa*”, ao passo de que nas lutas como esporte os objetivos são: “*ganhar medalhas, participar de campeonatos*”, *ganhar dinheiro, se defender*”.

Solicitei que comparassem as lutas apresentadas nos desenhos e aquelas vivenciadas nos esportes e o que havia de diferente nas lutas dos desenhos, foi difícil, percebi que alguns tinham dificuldade para separar a “realidade” do mundo dos desenhos, as respostas foram: “*não tem vilões na vida real*”, “*nos desenhos não tem um lugar próprio para lutar*”, “*no Dragon Bol Z os personagens*

lutam até morrer e quando morrem continuam lutando com uma aréola na cabeça”, “ algumas armas e apetrechos não existem na vida real”.

Nesta altura do projeto com os objetivos de realizar uma atividade onde os alunos pudessem vivenciar corporalmente as idéias surgidas nas atividades de reflexão, ressignificando os conhecimentos adquiridos, sugeri uma atividade na qual cada aluno deveria seguir as seguintes orientações para realizar uma apresentação para a sala:

- Criação de um personagem;
- Criação de um nome para o personagem;
- Criação de uma roupa para caracterizar um personagem;
- Criação de um golpe especial;
- Elaboração de uma arma com material reciclável.

A participação foi efetiva. Os alunos se mostraram muito motivados e criaram de forma surpreendente várias sequências de golpes. Observei que utilizavam alguns movimentos de artes marciais diversas estudadas em aula e outros retirados dos desenhos animados. A orientação inicial era para que utilizassem o desenho “As três espiãs demais” como inspiração para criação dos movimentos e utilização de acessórios, porém, pude observar que houve utilização de outros desenhos como Pokémon, Digimon e Meninas Super Poderosas.

Na minha opinião este foi um dos momentos mais produtivos do projeto, onde houve intensa ressignificação dos movimentos aprendidos nas aulas e fora delas também.

Após essa atividade, utilizei-me novamente do papel pardo expondo aos alunos as ideias anotadas nas primeiras aulas do projeto. Ao questioná-los a respeito dos adjetivos citados naquele momento, verifiquei que alguns poderiam ser modificados, enquanto outros não. Acrescentaram que naquele momento inicial não sabiam a diferença entre “luta” e “briga” e assim justificaram alguns adjetivos.

Expliquei que em alguns momentos, mesmo nas lutas esportivas, os lutadores, podem ter sentimentos de vingança, há sangue e muita dor. O objetivo não era de “romantizar” o esporte e sim, explicar que a diferença entre “luta” e “briga” consiste em algumas situações em que uma é validada pela sociedade enquanto a outra não. Perguntei se nas brigas de rua há alguma regra e responderam que naquele bairro, as brigas só podem ocorrer na rua, nunca dentro da escola. Assim consegui entender o motivo de não haver tantas confusões nessa escola, o que é tão comum em outras em que lecionei. Também afirmaram que se algum dos envolvidos disser “água”, o outro deve parar imediatamente, porém, pontuaram que nem sempre se respeitava essa regra, já que no “calor” da briga, às vezes o oponente não conseguia parar, o xingamento em “relação às mães” também foram citados como

totalmente inaceitáveis. Em relação as diferenças, foram pontuadas as seguintes falas: “esporte tem regras”, “tem lugar próprio pra lutar como esporte”, “lutador treina”, “luta tem história”, “quem luta tem roupa pra lutar”, “no esporte cada um luta com quem tem o seu nível e tamanho”.

Para realizar a exposição desse projeto utilizei um evento que a escola organiza todos os anos no mês de novembro e que se chama “Mostra Cultural Colacioppo”. Neste evento, as produções realizadas pelos alunos durante o ano letivo são apresentadas aos pais e à comunidade em forma de murais, painéis, apresentações de dança, artes e fotografias.

Contemplando a expectativa de aprendizagem que orienta para que os alunos elaborem registros a partir das vivências e como um dos elementos de avaliação solicitei que elaborassem um relato onde deveriam descrever o que aprenderam com as atividades desenvolvidas no projeto. Juntei as fotos e os relatos e confeccionei um mural expositivo localizado em uma das paredes da escola, que além de ter ficado exposto durante a mostra, permaneceu lá por mais uma semana para apreciação dos alunos.

Verifiquei ao longo da semana que o mural chamou a atenção tanto dos alunos envolvidos no projeto, que puderam se ver e se analisar, quanto dos outros alunos da escola que questionaram a mim e aos colegas que participaram do projeto a respeito daquelas atividades com bastante curiosidade. Esse fato fez com que eu pudesse avaliar que o trabalho havia sido muito interessante tanto para os alunos envolvidos quanto para os outros alunos da escola que foram aos poucos entendendo o que foi desenvolvido nas aulas. Os professores das outras áreas também se interessaram e tive a oportunidade de explicar o projeto, seus resultados e objetivos em um momento de conversa na sala dos professores.

Na minha avaliação, ao longo das aulas observei que houve muito comprometimento dos alunos ao realizarem cada atividade, sempre refletindo e participando das rodas de conversa, dos registros, nas vivências das lutas e elaboração dos movimentos e também constatei que houve ampliação dos conhecimentos dos alunos a respeito de algumas modalidades de lutas.

Pude observar que os alunos conseguiram identificar algumas modalidades de lutas e em muitos momentos os colegas que já tinham algum conhecimento trocavam informações com os que não tinham. Os momentos iniciais de resistência de alguns alunos em relação a manifestação corporal selecionada para estudo foram aos poucos sendo substituídos pela euforia de participar das atividades propostas ou mesmo da curiosidade que foi surgindo ao longo das aulas.

Referências Bibliográficas:

INACIO, P. **Três Espiãs Demais Ensinando um jeito de ser jovem menina.** Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder, Florianópolis, 2008

NEIRA, M. G. **Ensino de Educação Física.** São Paulo: Thomson, 2007.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas.** São Paulo: Phorte, 2006.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Caderno de orientação didática: referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II do Ensino Fundamental da área de Educação Física.** São Paulo: SME/DOT, 2007.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental II - Educação Física.** São Paulo: SME/DOT, 2007.